

## **“As Vinhas da Ira” e o capitalismo realmente existente: breve ensaio histórico-econômico usando fonte literária.**

**Glaudionor Gomes Barbosa\***

### **Resumo**

Este trabalho tem por base o entendimento de que é possível que a história e a literatura produzam um diálogo produtivo. Mesmo a história econômica pode dialogar com algumas produções ficcionais. Deste modo, o objetivo principal proposto é de investigar a Grande Depressão de 1929-1933 nos Estados Unidos e o fenômeno dos trabalhadores expropriados e migrantes, tendo como fonte o livro *As Vinhas da Ira* do escritor John Steinbeck. Trata-se, pois, de uma tentativa de construir uma trama histórico-econômica tendo como suporte uma belíssima trama literária. Para situar o leitor é realizada uma breve discussão sobre a relação entre literatura e história; contextualiza-se o período em questão, apresentando-se uma breve síntese da Grande Depressão. O principal resultado obtido é de que se podem tirar excelentes lições de história econômica recorrendo ao livro *As Vinhas da Ira*.

**Palavras-chaves:** As Vinhas da Ira. Grande Depressão. Literatura. História Econômica.

### **1. Introdução**

O objetivo central desse trabalho é investigar a Grande Depressão e os trabalhadores migrantes da época sob a ótica da história econômica, tendo como fonte *As Vinhas da Ira* de John Steinbeck.

Quanto à estruturação, o artigo é composto de seis seções, incluindo essa introdução. A seção dois faz uma discussão sobre as relações entre história e literatura; na seção três é feita uma síntese sobre a Grande Depressão dos anos trinta do século passado nos Estados Unidos; na seção quatro se traça um rápido perfil biográfico de Steinbeck; a seção cinco apresenta *As Vinhas da Ira* como um romance “visto de baixo”; a seção seis conclui com algumas palavras finais.

### **2. História e literatura: um diálogo venturoso**

Existe já um entendimento por parte da maioria dos historiadores de que o texto ficcional está circunscrito no seu tempo, compondo dessa forma um quadro histórico que reflete as experiências do autor e o olhar do mesmo sobre a sociedade em que viveu. Este sentido de experiência e vivência dota a obra literária de elementos de realidade, mesmo que não seja o real concreto. Por outro lado, a história ao assumir uma dimensão cultural, passou a considerar a narrativa ficcional como representativa do seu tempo.

---

\* Mestre e Professor de História Econômica da Universidade Federal de Pernambuco

Parece pertinente lembrar que a literatura não é apenas um construto estético, mas um produto cultural que contém a possibilidade de registrar os movimentos dos homens e da sociedade em sua historicidade.

Pesavento (2006) vai mais além colocando no centro da discussão a questão do imaginário, argumentando que o mesmo deve ser entendido tendo por base o conceito de representação. Assim, o imaginário é um sistema de representação que se coloca no lugar da realidade, sem confundir-se com ela. Mas tendo-a como referente. De modo que:

*O imaginário é sistema produtor de idéias e imagens que suporta, na sua feitura, as duas formas de apreensão do mundo: a racional e conceitual que forma o conhecimento científico, e a das sensibilidades e emoções, que correspondem ao conhecimento sensível.* (PESAVENTO, 2006: 2).

O essencial a reter é que há proximidade, mas não justaposição entre os discursos histórico e ficcional, e, portanto, eles podem dialogar. Trata-se de linguagens que buscam representar o mundo. Quaisquer discursos que procurem a construção de sentidos para o real são válidos e contribuem para a compreensão e significação do mundo.

O eixo da polêmica sobre esta aproximação entre a história e a literatura é que, apesar de se poder compreender o imaginário como construção social, assim sendo histórica e datada, fica a questão de que a literatura é um discurso sobre o que poderia ter acontecido, enquanto a história narra fatos que aconteceram. Como aquilo que poderia ter acontecido pode ser fonte histórica? Não é de maneira alguma fundamental saber se os personagens ficcionais existiram ou não. Muitos escritores admitem que constroem seus personagens através da combinação de traços de várias pessoas. Na verdade os personagens existem a partir do momento que o escritor lhes dá vida e um lugar no mundo. O que interessa é que enquanto narrativa existe uma realidade que reflete características psíquicas, sociais, políticas, culturais e econômicas dos homens de uma época e lugar.

Segundo Pesavento (2006), deve-se compreender que o passado para o historiador é também tempo histórico recuperado e reconstruído pela narrativa. Diferentemente do químico no seu laboratório, as experiências humanas não podem ser repetidas – e em vários casos é melhor que assim seja, pois seria horrível ter que repeti-las. De modo que o historiador só pode alcançar a verossimilhança e não a veracidade.

Veyne (1982) argumenta que a história – que recupera o passado questionando as fontes – é um romance verdadeiro, e que o historiador age como romancista, construindo subjetivamente uma trama e um enredo.

Chalhoub & Pereira (1998) argumentam que a ficção é evidência histórica que está inserida no desenrolar do processo histórico. Assim:

*Em suma, é preciso desnudar o rei, tornam a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação do nosso ofício. Para historiadores a literatura é, enfim testemunho histórico. (CHALHOUB & PEREIRA, 1998: 7).*

Se a literatura é um testemunho histórico. E se a história ao mesmo tempo em que é história sem hífen, possui seus campos, acredita-se, portanto, possível fazer história econômica tendo como fonte a literatura. É exatamente esta ousadia heterodoxa que este artigo tenta.

### **3. A Grande Depressão de 1929: uma breve síntese**

Galbraith (1979), nos diz que alguns anos adquirem fama pelo que significaram. Assim são os casos dos anos de 1776 e 1914. Também é o caso de 1929. O ano que o capitalismo de *laissez-faire* tentou o suicídio, ficando na UTI pelo menos durante quatro anos. A crise econômica que veio à tona em outubro de 1929, com a quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, foi, sem nenhuma dúvida, a crise mais séria, e mais ameaçadora à sobrevivência do capitalismo liberal.

Desde o final do século XIX a economia dos Estados Unidos da América vinha num crescimento muito acelerado, principalmente de alguns setores como a indústria bélica e de alimentos. Entre 1914 e 1917 os norte-americanos se mantiveram alheios – numa posição isolacionista muito comum aquele país em alguns períodos de sua história –, embora tivessem uma forte e vantajosa relação comercial com os países aliados, vendendo principalmente armamentos e alimentos. Afinal, em uma guerra, os combatentes deixam de produzir manteiga para produzir canhões, mas mesmo deslocando toda sua capacidade produtiva para produção de armas, elas podem ser insuficientes. Na verdade, os Estados Unidos só entraram na Primeira Guerra Mundial porque seus navios mercantes começaram a sofrer ataques, principalmente da Alemanha.

Arruda (2003), argumenta que o ritmo de crescimento acelerado da economia norte-americana foi resultante da incorporação de progresso técnico e da concentração industrial, além

dos investimentos maciços que foram realizados. Assim, em 1929, os Estados Unidos detinham 44,8% da produção industrial mundial. As grandes empresas se expandiram velozmente:

*A General Motors produzia 35% dos automóveis; a United States, 32% do aço; a Kodak, 75% dos produtos fotográficos. Não mais do que duzentas holdings tinham o controle de 385 do capital das empresas americanas. Ao mesmo tempo, desenvolveram-se os acordos econômicos internacionais que permitiram o surgimento das multinacionais. (ARRUDA, 2003: 23).*

É preciso lembrar que o forte crescimento da economia norte-americana, além dos problemas gerais de concentração de capitais, apresentava outros desequilíbrios, principalmente de renda. Na década de vinte, os salários reais aumentaram 1,4% ao ano, enquanto os lucros cresceram, a uma taxa de 16,4% ao ano. Para a classe trabalhadora só era possível se manter acima da linha de pobreza incorporando o máximo de membros da família ao trabalho assalariado. Aliás, em torno de seis milhões de famílias eram pobres – viviam com menos de 1000 dólares anuais –, isto representava 42% da população.

Como a demanda pelos produtos agrícolas norte-americanos aumentou bastante durante a guerra e continuou crescendo depois da mesma ter terminado, e durante quase toda década de vinte, ocorreu uma expansão acentuada da oferta, com abertura de muitas unidades produtivas nas planícies meridionais, para o cultivo do trigo. Como sempre acontece com os produtos agrícolas para exportação, um excesso de oferta em algum ponto do ciclo se combina com uma queda na demanda gerando uma forte deflação nos preços. Isso causou muitas dificuldades para os produtores, principalmente os pequenos arrendatários. Preços declinantes associados a secas persistentes e prolongadas destruíram a produção, e deixaram a maior parte dos produtores sem condições de honrarem suas dívidas com os bancos, que assim “tomaram” suas terras.

Mesmo na década de vinte, segundo Purdy (2007) a situação dos trabalhadores no campo não era das melhores, pois:

*Como na indústria, avanços tecnológicos tinham proliferado nas primeiras décadas do século, mas os mercados para produtos agrícolas não acompanhavam os passos da nova eficiência. Conseqüentemente, houve excedente de produção, os preços baixaram e a renda dos pequenos proprietários inesperadamente declinou. O surgimento de grandes agronegócios estava relegando a pequena fazenda familiar à posição de relíquia histórica.*

*Mais de três milhões de americanos saíram do campo na década de 1920 à procura de trabalho nas cidades. (PURDY, 2007: 200).*

Os principais registros da memória coletiva da Grande Depressão são as filas imensas que circulavam quarteirões, de americanos (a maioria bem vestida), famintos e que esperava horas por um prato de sopa (há uma abundante iconografia do período); e o sofrimento e a miséria das populações pobres das áreas rurais. Além dos efeitos devastadores da crise sobre a economia rural, uma parte importante do país sofreu uma grande seca. Assim, segundo Purdy (2007: 207), a renda das pequenas propriedades caiu 60% entre 1929 e 1932, e cerca de um terço dos proprietários rurais perderam suas terras. Havia dois caminhos para os expropriados do campo: seguiam para os centros urbanos fazendo crescer ainda mais o excesso de oferta de trabalho e comprimindo a níveis baixíssimos o nível salarial dos poucos empregos existentes; ou buscavam colocação nos agronegócios, onde, também, o excesso de oferta de trabalho reduzia os salários abaixo do mínimo de subsistência. A morte por inanição foi suficientemente documentada.

#### **4. Nota biográfica sobre John Steinbeck**

John Steinbeck nasceu em 27 de fevereiro de 1902 em Salinas na Califórnia e faleceu em 20 de dezembro de 1968 em Nova Iorque. Era filho de uma família humilde, miscigenada de alemães e irlandeses de poucos recursos. O pai, John Steinbeck era contador da cidade e a mãe, Olive Hamilton-Steinbeck, foi professora nos tempos de solteira. Foi ela que introduziu John na leitura e na escrita. Estimulado pelos pais, Steinbeck leu autores como Dostoievski, Milton, Flaubert e Elliot. Sempre nas férias de verão, Steinbeck trabalhava em atividades braçais nos ranchos da redondeza, o que veio a marcar profundamente sua visão de mundo.

Em 1919, com 17 anos, Steinbeck terminou o Colegial e no ano seguinte ingressou na Universidade de Stanford, com o sonho de se tornar Doutor em Inglês. Teve que exercer as mais diversas profissões para pagar seus estudos universitários. Coursou as disciplinas pelas quais se interessou, nunca terminando sua graduação.

Depois de deixar a Universidade, Steinbeck decidiu voltar aos trabalhos braçais, sem se prender a um trabalho regular, para continuar escrevendo seus romances. Trabalhava, como qualquer trabalhador manual, pela manhã, para poder escrever o resto do dia. Tal experiência foi fundamental não só porque deixava tempo livre para o trabalho literário, mas principalmente por permitir uma permanente e variada convivência com os excluídos da sociedade.

Estreou na literatura com o livro *A Taça de Ouro* (1929), vindo em seguida *Pastagens do Céu* (1932). Em 1935 é agraciado com a medalha de ouro do *Commonwealth Club de São Francisco* com *Boêmios Errantes*, considerado o melhor livro da Califórnia no ano de 1935.

As três principais obras de Steinbeck são: *Luta Incerta* (1936), onde o autor narra no seu estilo direto uma greve de trabalhadores rurais na Califórnia; *Ratos e Homens* (1937), onde Steinbeck analisa as complexas e tumultuadas relações entre dois trabalhadores migrantes; e sua Obra-Prima *As Vinhas da Ira* (1939), onde é contada, através da família Joad, a exploração a que foram submetidos os trabalhadores rurais na época da Grande Depressão.

Cabe fazer um registro que é consensual para os biógrafos de John Steinbeck: a atividade jornalística do mesmo, principalmente numa série de artigos sobre a situação dos trabalhadores migrantes para o *San Francisco Chronicle* forneceu abundante material (fonte documental) para sua obra literária, em particular para *As Vinhas da Ira*.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial, Steinbeck foi designado correspondente do *New York Herald Tribune*. Suas narrativas fugiam do padrão jornalístico tradicional norte-americano e se caracterizava por um estilo forte e alegórico. Em 1962 Steinbeck recebeu o prêmio Nobel de Literatura.

*As Vinhas da Ira* teve um estuendo sucesso popular, mas foi objeto de muitas e acirradas controvérsias. Os conservadores acusavam a obra de divulgar o comunismo e de apresentar o capitalismo americano como um sistema cheio de defeitos. A obra foi proibida nas escolas públicas e bibliotecas em agosto de 1939 e essa censura só foi abolida em janeiro de 1941. É uma obra capaz de desencadear fortes emoções como se pode ver a seguir.

## **5. As Vinhas da Ira: um romance “visto de baixo”**

*As Vinhas da Ira* narra o êxodo da família Joad que se desloca num caminhão velho, com todos os pertences que puderam levar, de Oklahoma para a Califórnia. Assim, esta família de pequenos arrendatários arruinados, num total de doze pessoas, dirige-se esperançosos para o Oeste, seduzidos por milhares de folhetos que divulgam excelentes oportunidades de trabalho.

O romance inicia mostrando as adversidades provocadas pelas forças da natureza. São redemoinhos de espessa poeira cobrindo tudo em volta: campos, casas, móveis, comidas, animais,

homens, mulheres e crianças. O ar encontrava-se tão carregado de poeira na “Tigela do Pó”<sup>1</sup> que era preciso tapar o nariz com um lenço e usar goggles<sup>2</sup> para proteger os olhos. Não havia separação entre a poeira e o ar. Era um corpo só.

A impessoalidade das relações capitalistas é apresentada com brilhantismo por Steinbeck no Capítulo IV do Volume I. Alguns proprietários de terras não gostavam do que tinham que fazer, ou seja, expulsar os arrendatários. Assim, tentavam mostrar que a decisão não dependia deles, mas da companhia ou dos bancos. Uma pessoa podia viver da terra, enquanto essa gerasse frutos e a pessoa pudesse pagar os impostos e a renda da terra. Mas, quando havia problemas com a safra era preciso procurar os bancos e eles eram como um “monstro” que tudo devorava. As leis de funcionamento do sistema de mercado são abstratas, não emanam das pessoas e são absolutamente insensíveis. Nas palavras de um proprietário:

*Mas, olha, um banco ou uma companhia não podem viver assim, porque estas criaturas não respiram ar, nem comem carne. Elas respiram lucros e alimentam-se de juros. Se não conseguirem tais coisas, elas têm que morrer, como você morreria sem ar. É triste, mas é assim. É assim, simplesmente.* (STEINBECK, 1979, Volume I: 42).

Os pequenos arrendatários ainda argumentavam que no ano vindouro, com a ajuda de Deus, a safra podia ser melhor. Além do mais o preço do algodão podia subir. Contudo, os proprietários das terras continuavam:

*Não, nós não podemos nos fiar nisso. O banco, esse monstro, tinha que receber logo o seu dinheiro. Não podia esperar mais; senão, morria. E os impostos também corriam. Se o monstro não fosse alimentado, morria. Tinham que arranjar dinheiro de qualquer modo.* (STEINBECK, 1979, Volume I: 42).

Do ponto de vista dos proprietários o sistema de arrendamento, de divisão da safra, não mais funcionava. Um só homem e um trator podiam substituir doze a catorze famílias. Pagava-se um salário baixo e obtinha-se toda a safra. Ou seja, a economia tornava-se mais intensiva em capital<sup>3</sup>, e o trabalho, isto é, as pessoas (homens, mulheres e crianças) tornavam-se supérfluos. Eram apenas excedentes. Crescia o exército de reserva<sup>4</sup>.

---

<sup>1</sup> Termo popular para designar esta região do Estado de Oklahoma nos Estados Unidos.

<sup>2</sup> Óculos especiais contra o vento e a poeira.

<sup>3</sup> Uma economia torna-se mais intensiva em capital quando aumenta o seu uso com redução de mão-de-obra.

<sup>4</sup> Conceito marxista que, em linhas gerais, pode ser entendido como uma reserva de força de trabalho que ao mesmo tempo em que comprime os salários, pode a qualquer momento ser mobilizada pela acumulação de capital.

Quando narra o comércio de carros usados, o autor consegue apresentar problemas interessantes como informação assimétrica, poder de monopólio e a tão propalada habilidade de um autêntico vendedor. Depois de fazer negócio com um dos trabalhadores rurais que desejava um carro para migrar para a Califórnia, o negociante faz a seguinte observação ao seu empregado:

*Puxa Joe, este foi um caso duro de roer. Quanto a gente deu mesmo por essa geringonça? Trinta, não trinta e cinco, não foi? E ele me deu a parelha de burros, que dá pelo menos uns setenta e cinco dólares, se não der isso que não me chamem de negociante. E arranquei mais cinquenta a vista e um contrato de quatro prestações mensais de dez dólares cada. Sim, senhor! Sei que não são todos eles honestos, mas aposto que esse vai pagar toda a dívida. Você já notou que não há calhambeque que chegou? Jesus, se conseguisse arranjar mais uns quinhentos pelo menos! Vamos, Joe, arregace as mangas. Vá lá pra fora e me mande os trouxas. Já me arranjaste vinte, em pouco tempo. Não está indo nada mal, não, Joe. (STEINBECK, 1979, Volume I: 83-84).*

Outra vez o negociante de carros usados mostra a lógica do capital em ação. Leis inexoráveis em busca do lucro que levam a comportamento pessoal insensível e cruel:

*Ah, então acha que foi um roubo? Nós lhe demos garantias, sim. Garantias de que lhe vendíamos um automóvel. Um automóvel ouviu? E não um trem de carga. Escute aqui, seu, o senhor comprou um carro, ouviu? Não venha reclamar à toa. Não quer pagar as prestações que restam? Pouco me incomoda. O seu contrato não está mais nas minhas mãos; está no banco. Se não quiser pagar, isso é lá com eles. Seus papéis estão lá, ouviu? Não se meta a brabo, senão vou chamar um guarda. Não, senhor, não trocamos os seus pneus. Bota-o pra fora daqui, Joe. Esse sujeito comprou um carro e agora disse que não está satisfeito com ele. É o mesmo que eu comprar um bife, comer a metade e devolver a outra, querendo o dinheiro de volta. Isto aqui é uma casa comercial, não uma instituição de caridade. (STEINBECK, 1979, Volume I: 84).*

Outro aspecto importante mostrado em *As Vinhas da Ira* é de que a economia recua de um padrão monetário – próprio de qualquer economia capitalista em funcionamento normal – para o escambo. Em diversas transações de compra e venda, parte é em dinheiro e parte é em objetos. Algumas são exclusivamente em objetos. Num dos postos de gasolina onde os Joad vão abastecer o velho caminhão, trava-se uma discussão onde o dono do posto acusa os migrantes de nada

comprarem e de ainda usarem a água, além de deixarem as dependências sujas. Acusa, também, pelo fato de por não terem dinheiro nem para a gasolina, tentarem adquiri-la através de trocas diretas. A fala do pequeno comerciante merece ser reproduzida:

*O senhor pensa que algum dos carros grandes e novos que passam por esta estrada pára na minha bomba? Pára coisa nenhum! Vai direitinho à cidade, onde tem aqueles postes pintados de amarelo da companhia de gasolina. Eles não param em lugar que nem este. Aqueles que param, é para pedir coisas, nada de comprar... Não é que eu me queira aproveitar da gente rica – Mas preciso manter o meu negócio. E aqueles que param aqui só vivem esmolando gasolina ou então querem fazer trocas. Posso mostrar-lhe, estão aí naquele quarto dos fundos, aquela porção de troços que tenho recebido em paga de gasolina e óleo: camas e berços, panelas e frigideiras. Uma família trocou até a boneca de uma criança por um galão de gasolina. Que é que eu vou fazer com esses troços todos? Abrir uma loja de quinquilharias? Um sujeito queria me dá até os sapatos em troca de um galão de gasolina. (STEINBECK, 1979, Volume I: 163-164).*

Nas páginas 198-200 do Volume I, Steinbeck nos fornece uma bela lição de economia moral e associativismo, quando argumenta que há muita inquietação com as mudanças. Um pequeno arrendatário perde suas terras para os bancos. Os bancos querem tratores e não famílias nas terras. Será então que o trator é mau? Ou é um mal? A máquina que produz rasgos profundos na terra é em si má? Se o trator fosse não deles, nem meu, mas nosso, continuaria sendo um mal? Se o trator trabalhasse nossa terra ele seria um bem e gostaríamos tanto dele quanto da terra. O problema do trator dos bancos é que ele não faz apenas sulcos no solo, ele expulsa e torna miseráveis as pessoas. Ele faz sulcos no coração e na alma das pessoas. Quando os homens pararem de dizer “eu perdi a minha terra” e começarem a falar “nós perdemos nossa terra”, a verdadeira mudança começou. O “nós” no lugar do “eu” é que é perigoso.

Num dos acampamentos de estrada onde a família Joad pernoitou, o velho pai Joad tentou explicar que antes era proprietário de uma pequena fazenda, que depois havia plantado algodão em parceria, e que agora os tratores a mando dos bancos tinham tomado tudo. Mas que estava esperançoso de conseguir emprego na Califórnia e voltar a ter, quem sabe, um pedacinho de terra novamente. Nisso um homem esfarrapado, surge da escuridão e começa a rir com desdém. Explica, revoltado, que está voltando da Califórnia e que lá havia deixado mortos a mulher e duas

crianças. Explicou que os folhetos, convocando trabalhadores, eram distribuídos aos milhares, enquanto as necessidades eram de poucas centenas. E completou:

*Vocês vão pernoitar nas valas das estradas, junto com outras cinquenta famílias mais. E eles vão procurar descobrir se vocês têm ainda algum resto de comida. E quando vocês não tiverem mais nada pra comer, eles vão dizer: "Querem trabalhar?". E você diz: "Queremos, sim senhor. Que bom se o senhor arrumasse trabalho pra gente". E ele diz: "Acho que posso arranjar alguma coisa pra vocês. Sim, creio que posso". E você diz: "Quando podemos começar?"... Aí esse sujeito que falou com você diz: "Eu pago vinte e cinco centavos a hora". ... E esse sujeito tem um contrato com o dono da fazenda que diz que essa gente toda vai trabalhar na colheita de pêssego ou nos algodoad. Compreende agora? Quanto mais gente esfomeada ele arranja, menos precisa pagar de salários. E ele prefere gente que tem filhos, porque aí ... ora, já disse que não adianta dizer nada. Vocês têm que continuar a viagem, tá certo. Não podem voltar mais. (STEINBECK, 1979, Volume I: 252-253).*

Uma leitura atenta de *As Vinhas da Ira* permite perceber que a diferença entre o salário esperado e o salário efetivamente pago dependia do excesso de trabalhadores. Quanto maior a oferta de trabalho, mais baixos os salários e mais altos os lucros. É esse o mecanismo que permite ao empresário individual, em épocas de crise, manter sua margem de lucro. O único problema é que para muitos setores, principalmente de bens de primeira necessidade (alimentos e vestuários, por exemplo) o que é bom para a firma individual é péssimo para o conjunto das firmas e para a economia em geral, pois o consumo agregado decresce, dado que os trabalhadores estão consumindo menos.

No capítulo XVIII do Volume II, Steinbeck descreve como os americanos haviam tomado as terras da Califórnia dos mexicanos. Hordas de americanos famintos, esfarrapados, desesperados e armados, expulsaram os verdadeiros donos das terras californianas, destruíram os documentos de posse e transformaram a apropriação em propriedade legal. Depois construíram casas, celeiros e cultivaram a terra com tenacidade. Se as primeiras gerações de americanos queriam a terra para plantar e alimentar suas famílias, as gerações seguintes, esquecidas de qualquer fome, mudaram sua relação com a terra.

O autor mostra a penetração das relações capitalistas no campo, o processo de concentração das propriedades (quanto mais aumentava o tamanho das propriedades, menor o número de

proprietários). Apresenta o domínio da esfera comercial e bancária sobre a esfera produtiva. Mostra, também, a criação do mercado de trabalho com salários de subsistência e características de semi-escravidão, através da importação de famílias dos mais diversos países, como exemplos: China, Japão e México.

O romance permite perceber a separação entre a propriedade, a gerência e o trabalho. Num primeiro momento os grandes proprietários – agora comerciantes e alguns já banqueiros – deixam de trabalhar na terra, para depois entregar a administração a assalariados: capatazes, guarda-livros e outros.

Disseminava-se, a prática de especular com a terra, deixando-a improdutiva e vigiada. Assim, se aumentava os lucros das terras cultivadas e, também, o preço de ambas as terras. De um lado, especulação e de outro excesso de trabalhadores sem terra. Alguns sem-terra tentavam sobreviver violando algumas leis de funcionamento do sistema:

*De vez em quando alguém tentava: rastejava pela terra, arrancava o mato e tentava, como um ladrão, roubar à terra um pouco de sua riqueza. Hortas clandestinas, no meio do mato. ... E então um dia vem a polícia: Ei, que negócio é esse que você 'tá fazendo aí? Não faço nada demais. Andei de olho em você. Tu pensa que essa terra aí é tua, hein? Que é que tu 'tá pensando, afinal? Mas a terra 'tá abandonada. Não 'tou fazendo mal nenhum. Não prejudico ninguém. Ó, seu okie<sup>5</sup> duma figa! Não demora e tu 'tá dizendo que é dono dessa terra. Fica aí querendo mandar. Bom, vá dando o fora. (STEINBECK, 1979, Volume II: 11).*

Num diálogo entre Tom Joad e um rapaz em um acampamento de estrada, o último explica com muita clareza a natureza do trabalho sazonal e a instabilidade laboral em que os migrantes vivem; citando uma grande fazenda de pêssegos que só precisa permanentemente de nove homens durante o ano. Contudo, necessita durante quinze dias de três mil homens, pois os pêssegos ficam maduros todos de uma vez e precisam ser rapidamente colhidos senão apodrecem. Assim, os folhetos servem para atrair milhares de pessoas, onde apenas uma parte é ocupada por duas semanas, aceitando salários de subsistência, condições precárias de trabalho, longas jornadas e gastando toda a miserável renda familiar que ganha no armazém do patrão (sistema de barracão).

---

<sup>5</sup> Termo depreciativo com o qual eram tratados os trabalhadores que proviam do Leste.

Pensando no diálogo acima, Tom tem um lampejo de consciência sindical, e diz: nesse caso nós podemos nos unir e deixar os pêssegos se estragarem. Com certeza os salários aumentariam. Reduzir a oferta de trabalho, sem dúvida, é uma ação eficiente que os trabalhadores podem encetar para elevar os salários. É exatamente o que faz um sindicato quando age como negociador coletivo (monopolista da força de trabalho). O problema, explica o interlocutor de Tom, é que os migrantes estão desorganizados, não possuem lideranças. Quando alguém pensa e tenta fazer alguma greve é encontrado morto numa vala da estrada. Mesmo só por falar entra numa lista negra, isto é, tem foto e nome distribuído aos fazendeiros da região e aos agentes daqueles, completa o interlocutor.

Steinbeck mostra como o processo de concentração do capital continua através do aumento do grau de associação dos diversos capitais. Alguns grandes proprietários de terra adquiriam fábricas de frutas em conserva. Na época da colheita eles forçavam, por meio do poder de oligopólio, o preço das frutas a cair abaixo do custo de produção. Contudo, mantinham alto o preço das frutas em conserva, auferindo assim altos lucros e levando à falência os pequenos produtores, dos quais eles compravam as fazendas por preços muito baixos. A maioria dos pequenos ex-proprietários se tornava proletários.

*Este parreiral será propriedade do banco. Unicamente os grandes proprietários podem subsistir, pois eles têm também fábricas de frutas em conserva. E quatro pêras descascadas e partidas pelo meio, cozidas e postas em latas, custam quinze centavos. E as pêras em lata não estragam. Conservam-se durante anos.* (STEINBECK, 1979, Volume II: 172).

O processo de destruição da produção para restringir a oferta e manter os preços é narrado com cores e movimentos que só um grande autor é capaz:

*Eles queimam café como combustível de navio; queimam trigo para aquecer; dão um bom fogo. Atiram batatas aos rios, colocando guardas ao longo das margens para evitar que o povo faminto vá pescá-las. Abatem porcos, enterram-nos, e deixam a putrescência penetrar na terra. ... O povo vem com redes para pescar as batatas no rio, e os guardas impedem-no. Os homens vêm nos carros barulhentos apanhar as laranjas caídas ao chão, mas elas estão untadas de querosene. E eles ficam imóveis, vendo as batatas passar flutuando; ouvem os gritos dos porcos abatidos num fosso e cobertos de cal viva; contemplam as montanhas de laranjas, num lodaçal putrefato. E nos olhos dos homens reflete-*

*se o fracasso. E nos olhos dos esfaimados cresce a ira. Na alma do povo, as vinhas da ira diluem-se e espraiam-se com ímpeto, crescem com ímpeto para a vindima.* (STEINBECK, 1979, Volume II: 173).

A família Joad conseguiu ser recebida e passar cerca de um mês num acampamento do governo. Lá eles foram bem tratados. No distrito sanitário quatro tinha lavanderia, banheiro com água quente e fria, sanitários, segurança e festas aos sábados. Toda a administração do acampamento era feita pelos trabalhadores organizados em comitês. Entretanto, os Joad não conseguiam trabalho e a comida acabou. Então, eles decidem viajar para o norte na esperança de encontrar algum serviço. Encontraram um trabalho na colheita de pêssegos de uma grande fazenda com o salário por produção de cinco centavos por caixa colhida sem danificar as frutas. A família trabalha toda tarde e uma parte da noite para ganhar pouco mais de um dólar. Um dólar é fornecido no final da tarde como vale para compra no armazém da companhia. Mãe Joad dirige-se ao barracão e compra a preços inflacionados duas libras de carne de segunda moída no valor de quarenta centavos, cinco libras de batatas ao preço de vinte e cinco centavos, um pão de forma de quinze centavos e um pacote do pior café por vinte centavos, o que totalizou exatamente um dólar. Os dez centavos de açúcar ficaram no débito, não com a companhia (pois isto era impossível, como lembrou o balconista) e sim com o próprio balconista.

Tom Joad desconfia da presença numerosa de policiais dentro e fora da fazenda e de trabalhadores que se manifestavam do lado externo da mesma. Resolve investigar e sai à noite, é quando encontra numa tenda, onde ocorre uma reunião de trabalhadores, o ex-pregador Casy que havia passado um tempo na prisão. Casy estava organizando uma greve e tentando formar um sindicato para garantir um salário mínimo que, pelo menos, garantisse a sobrevivência dos trabalhadores e de suas famílias.

*Escuta, Tom, nós também viemos aqui para trabalhar. Eles disseram que a gente ia ganhar cinco centavos por caixa. Nós éramos muita gente. Depois que chegamos, eles disseram que não pagavam mais que dois centavos e meio. Ora, desse dinheiro a gente nem comer podia, principalmente tendo filhos ... Bem, então nós disse que não aceitava isso, e eles caíram em cima da gente e nos puseram pra fora com tudo quanto é polícia no nosso encalço. E agora 'tão pagando cinco a vocês. Quando conseguirem abafar a nossa greve, tu acha que ainda vão continuar pagando cinco centavos a vocês? ... Dá um jeito de explicar a situação a eles, Tom. Assim que nos afastarem daqui, vão começar a pagar*

*dois centavos e meio pra vocês. Tu sabe o que quer dizer isto: uma tonelada de pêssegos, colhida e carregada, por um dólar. Não, não pode ser. Isso não dá nem pra comer. Não dá pra comer quase nada.* (STEINBECK, 1979, Volume II: 221-222).

Casy não teve êxito na sua tentativa de organizar os trabalhadores, mais e mais famílias chegavam, como os Joad e aceitam o trabalho. A greve falha, pois é fortemente reprimida. O salário, como havia previsto o ex-pregador, cai de cinco para dois e meio centavos. Em condições de miséria absoluta, fome para muitos, morte por inanição para as crianças e os velhos, excesso muito grande de oferta de trabalho, inexperiência em ação coletiva, e forte repressão, os trabalhadores, geralmente são vencidos. Também, desta vez foram.

Fica uma lição importante da experiência narrada acima. O nível de equilíbrio do salário real, apesar de depender da oferta e da demanda de trabalho, depende fortemente do poder sindical dos trabalhadores (do nível de organização, de consciência política, e da experiência coletiva dos trabalhadores). Do ponto de vista estritamente econômico depende basicamente do hiato entre oferta e demanda de trabalho, diferentemente do que afirmam os economistas ortodoxos que só conseguem enxergar duas curvas se cruzando. Hiato que pode ser modificado (aumentado ou diminuído) por ação das forças em confronto. Na maioria das oportunidades, o poder de alterá-lo está com os patrões.

*As Vinhas da Ira* é uma aula de história econômica que todo estudante de economia deveria receber, antes de aprender e tornar-se viciado em “abstrações” vazias, sem nenhuma aderência com o mundo real.

## **6. Palavras finais**

Steinbeck deixa a família Joad na estrada, onde afinal eles passaram a maior parte do tempo, desde que perderam suas terras em Oklahoma. O leitor fica sem saber se eles arranjam trabalho ou se Mãe Joad readquiriu a casa com a qual tanto sonhou. É um final adequado para estimular o leitor a continuar pensando no capitalismo realmente existente, onde um cavalo é bem alimentado, mesmo quando não está trabalhando, mas um homem deixa de comer e morre se não conseguir vender sua força de trabalho, e pode passar fome mesmo vendendo-a.

*Nenhum trabalho até a primavera. Nenhum trabalho. ... E, sem trabalho nenhum dinheiro, nenhuma comida. ... Um camarada tinha uma parelha de*

*cavalos; lavrava com eles, e cultivava a terra e ceifava com eles. E nunca teria deixado que morressem de fome quando não trabalhassem. ... É que são cavalos, e nós somos homens.* (STEINBECK, 1979, Volume II: 293).

O livro é um excelente retrato de uma época difícil e complexa, e que em alguns aspectos ainda não foi superada. É assim, uma história do tempo presente. *As vinhas da Ira* é um compromisso de análise de uma realidade histórica, é também um grito de denúncia contra as forças impessoais que desumanizam as pessoas.

### **Referências bibliográficas**

ARRUDA, José Jobson de Andrade. A crise do capitalismo liberal. In: REIS FILHO, Daniel Aarão [et al]. *O Século XX – O tempo das crises: Revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHALHOUB, Sidney e PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

COLUMBIA ENCYCLOPEDIA. *The Columbia Eletronic Encyclopedia*, Sixth Edition. Columbia University Press <http://www.cc.columbia.edu/cu/cup> Acesso: 05 de junho de 2008.

FRENCH, Warren. *A Clássicos do Nosso Tempo: John Steinbeck* Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1961.

GALBRAITH, John Kenneth. *O Colapso da Bolsa: 1929*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1979.

KARNAL, Leandro [et al]. *A História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

LINK, Arthur S. E CATTON, William B. *A História Moderna dos Estados Unidos*. (Volume II). Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & literatura: uma velha-nova história*. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Debates, 2006. <http://nuevomundo.reuves.org//index1560.html>. Acesso: 09 de maio de 2008.

PURDY, Sean. O século Americano. In: KARNAL, Leandro [et al]. *A História dos Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.

REIS FILHO, Daniel Aarão [et al]. *O Século XX – O tempo das crises: Revoluções, fascismos e guerras*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

STEINBECK, John. *As Vinhas da Ira*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

VEYNE, Paul. *A Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história*. Brasília: Editora UNB, 1982.